



DROGA, DIVERSÃO E RISCO: ESTRATÉGIA DE DEFESA OU CONFORMAÇÃO DA LÓGICA NO MUNDO DO TRABALHO

Maria do Socorro de Souza Vieira*

Este texto centra-se nos imperativos sociais, ligados ao mundo do trabalho, que favorecem a incursão dos sujeitos no uso intensivo de droga e na dependência. O estudo é parte de uma pesquisa de doutoramento, que analisa as trajetórias de consumo de álcool, cocaína e maconha por ex-usuários em tratamento em dois serviços de recuperação do Brasil: o Programa de Atendimento Integral ao Alcoolista e outros Dependentes Químicos - PAIAD, em João Pessoa, e o Instituto Recife de Atenção Integral às Dependências - RAID, em Recife.

A pesquisa toma como idéia central o pressuposto de que a dependência de droga, hoje, deve-se, em parte, ao impacto devastador da contemporaneidade sobre a interioridade dos indivíduos. A toxicomania é, portanto, abordada na perspectiva da

relação do sujeito com a substância, a partir de vínculos estabelecidos por imperativos sociais.

O estudo busca evidenciar os traços que especificam a sociedade contemporânea e a distinguem de outros universos culturais. A velocidade das mudanças, a lógica da fragmentação e da descontinuidade, as incertezas são aspectos abordados a partir da leitura de Balandier (1997; 1999). As mudanças na racionalidade capitalista no cenário atual, a emergência da cultura do narcisismo e dos ideais de busca de sucesso e de admiração, presentes na nova forma de competição, são focalizados com base nas análises de Lasch (1983). A perseguição ao risco, como parte da moderna cultura da procura de desafio, mas também como forma do indivíduo encontrar sinais que atestem sua dignidade de existir, é situada nas concepções de Sennett (1999) e de Le Breton (2000).

Na análise sobre os imperativos sociais ligados ao mundo do trabalho que favorecem à incursão dos sujeitos no uso intensivo de droga e na dependência, o estudo toma como referência a obra de Sennett (1999) sobre a corrosão do caráter no novo capitalismo e as análises de Dejours (1992; 1999) acerca das estratégias de defesa do sofrimento no trabalho. Aborda, então, as situações que refletem o sofrimento e o desamparo do indivíduo em sua busca incessante de evidenciar atributos de competência, de qualificação e de valorização no trabalho. A diversão, a mentira, a necessidade de fuga da realidade e a exposição ao risco são focalizadas como estratégias de defesa dos sujeitos do sofrimento mental, decorrentes de suas atividades laborais.

A análise mantém-se atenta ao encantamento do indivíduo pela substância, ao fascínio que provoca a recorrência ao uso e, assim, a incursão na dependência. Tomando-se como referência a esfera do trabalho, procura, então, evidenciar a importância da droga como elemento fundamental para os sujeitos da pesquisa na mediação de suas relações com os outros e com o mundo. Através do uso de droga, esses sujeitos tentam “enfrentar” os obstáculos que os impossibilitam de atender às exigências a eles impostas por seus contextos sociais. Mas, eles buscam também o alívio para o sofrimento emocional, decorrente da impossibilidade de responder a tais exigências.

* Professora da Universidade Federal da Paraíba, Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

É certo que os imperativos de natureza competitiva, inerentes à lógica de organização dessa sociedade, estão dispersos nos diversos espaços de socializações dos indivíduos. Mas, a partir da idade ativa, é no plano do trabalho que esses imperativos mais diretamente se evidenciam, provocando o sofrimento emocional dos sujeitos e a emergência de traços narcisistas e outros sintomas do “desamparo social”, (FREUD, 1996), a exemplo do uso compulsivo de droga. Naturalmente, esses sintomas, mesmo os que emergem, especificamente, em decorrência das condições e das relações de trabalho, não se limitam ao espaço das atividades produtivas. Eles expandem-se e se manifestam nas demais áreas da vida dos sujeitos, principalmente na esfera familiar. Do mesmo modo, outras formas de expressão de sofrimento psíquico, geradas em outros contextos, podem aflorar no espaço produtivo, devido às condições e ao modelo de organização do trabalho e da pressão emocional que a atividade exerce sobre o indivíduo.

O estudo procura, então, ressaltar situações em que o uso da droga reflete a busca incessante dos sujeitos de responder às atuais exigências do mundo do trabalho. Nessa busca, eles tentam evidenciar atributos de competência, de qualificação e de valorização. Assim, para os atores sociais em foco, o fascínio pela droga decorre justamente do fato de a substância proporcionar, ao menos momentaneamente, a satisfação real ou ilusória de seu desejo de revelar tais atributos. Mas, no mundo orientado pelo efêmero, pelo ilimitado, por riscos e incertezas, as exigências impostas aos sujeitos estão bem acima da capacidade deles responderem. Assim, o encantamento pela droga deve-se também ao poder da substância de auxiliar os sujeitos a modificarem a noção de tempo e de espaço e a alterarem o discernimento nas situações. A substância permite, ainda, ao indivíduo transformar ilusão em realidade e, realidade em ilusão. Possibilita reduzir a dimensão do risco, camuflar os problemas e transformar incertezas em certezas.

Atitudes e comportamentos coerentes com a cultura narcisista evidenciam os esforços dos sujeitos da pesquisa em acompanhar a lógica de organização social que a eles se impõe, em todos os espaços de socialização, sobretudo no campo do trabalho. As estratégias de defesa contra os efeitos danosos da corrida também aparecem nas histórias da maioria dos entrevistados, acompanhando toda a trajetória de uso das substâncias. Alguns traços, como o afrontamento ao risco, a busca de evidenciar competência, a

autovalorização, a ânsia de aparecer como o melhor, como o mais competente são mais frequentes nos homens, principalmente, naqueles que iniciaram mais cedo o consumo intensificado de droga. O estado depressivo e o pânico, em que a droga é buscada para aliviar o sofrimento emocional da situação de desencanto com a vida, embora também apareçam nos homens, são mais nítidos nas mulheres. Mas, todos esses aspectos, tal como o próprio uso compulsivo da droga, são sintomáticos do sofrimento emocional e do desamparo social dos sujeitos de diversas procedências e contextos sociais.

Muito embora a racionalidade competitiva de ordenação desta sociedade esteja impregnada em todos os espaços de socialização, ela atinge os indivíduos de forma e intensidade variadas. Fatores de ordem subjetiva dos sujeitos – suas histórias pessoais, suas expectativas com relação ao futuro, suas aspirações profissionais, – alteram a forma de absorção dessa lógica. Além disso, certas atividades formativas, profissionais, esportivas, determinados contextos familiares, círculos de amizade também podem alterar o impacto da atual competição sobre a interioridade dos atores sociais, tornando-os mais ou menos vulneráveis a seus imperativos. Estes aspectos, certamente, realçam as diferenças individuais dos usuários dependentes de droga dos diversos espaços sociais.

Um dos entrevistados, Paulo, residente na cidade de João Pessoa, é membro de Alcoólicos Anônimos e de Narcóticos Anônimos, há cerca de seis anos. Na ocasião do seu relato, estava com 38 anos, mas começou o uso intensivo de substâncias psicoativas ainda na adolescência. Iniciou pelo álcool e logo passou a associar as bebidas alcoólicas a medicamentos psicotrópicos, para fim recreativo. Apesar do “*medo muito grande*” que tinha de experimentar alguma droga, Paulo conseguiu coragem, começou a usar maconha, aumentando, em seguida, a frequência do consumo. Também usou intensivamente cocaína, mas sem abandonar o uso do álcool.

Diferentemente de outros entrevistados, Paulo não consegue identificar com clareza situações da infância e da adolescência, emergentes em seu contexto familiar, que motivassem seu uso intensivo de droga, configurando sua situação de abandono e a imposição de imperativos narcisistas de busca sucesso e de destaque. A força desses imperativos de ordem externa evidencia-se, para ele, posteriormente, na sua vida profissional. Contudo, ele relata circunstâncias da fase anterior à juventude que,

certamente, dificultaram sua preparação para a vida ativa na sociedade e contribuíram para a emergência dos sintomas de timidez e insegurança que ele tentava aplacar com o uso de droga.

A trajetória de trabalho de Paulo desenvolveu-se nas atividades de comunicação, num cenário de trabalho, onde a estetização de todas as formas e o espetáculo são, particularmente, mais valorizados. Sua procura de evidência, de se mostrar “*um cara sempre para cima*”, sinalizada na adolescência, encontra, nesse cenário, um palco propício para prosseguir. Seu primeiro emprego, ainda com dezessete anos, na empresa de um cunhado, foi na área de organização de shows e eventos. Os contatos com cantores e estrelas, as ostentações a eles dirigidas, as divulgações enaltecidas das festas e dos acontecimentos, os referenciais de sucesso e de evidência, tudo isso construía e afirmava em Paulo os ideais de competência na vida e seu sentido de existir.

Evidentemente, a circulação natural de bebidas alcoólicas e de outras drogas nesses ambientes festivos, de espetáculo e de diversão, bem como a convivência, nesses locais, com pessoas usuárias dessas drogas, facilitavam a incursão de Paulo no consumo. Ele afirma que, nessa sua atividade, era comum consumir droga mesmo durante o trabalho. Nas viagens e em momentos de intensificação das tarefas, era normal o consumo de cigarro de maconha entre os colegas. Ele relata que, nessa época, sempre que havia necessidade de um trabalho prolongado, ele e outros colegas compravam na farmácia um tipo de medicamento injetável, à base de anfetamina; então passavam dia e noite sem dormir. Paulo diz que para ele liberdade era aquilo: “*eu assumia minhas coisas, tinha minha postura de vida, aquilo me fazia bem, e as pessoas tinham mais que me aceitarem daquele jeito*”.

Poucos anos depois, Paulo começou a trabalhar como cinegrafista em uma emissora de TV, continuando, assim, sua atuação nos eventos espetaculares da comunicação. Nesse período, Paulo suspendeu o consumo de drogas ilícitas, contudo, intensificou o uso do álcool, o que facilitou sua incursão no alcoolismo. O ambiente de diversão e os encontros sociais, durante e fora do horário de trabalho, também o colocavam em permanente contato com as drogas. Mas, certamente, outros fatores, inerentes à racionalidade competitiva, fortemente presentes nas atividades midiáticas,

tiveram importância fundamental no desenvolvimento de sua forma excessiva de uso de droga. A ansiedade gerada nesse ambiente de trabalho, devido às exigências, com relação à sua performance e ao seu desempenho, fez aumentar a necessidade de Paulo responder a esses imperativos externos, que lhe foram colocados, desde os primeiros anos da adolescência. Paulo então intensifica o uso da droga, em sua procura angustiante de atender tais exigências:

(...) Quando comecei a trabalhar na TV, as drogas ilícitas eram mal vista lá dentro, (...) o álcool era de praxe; aí, eu deitei e rolei no álcool. (...) Então, eu voltei para o álcool; (...) Nesse período, o álcool só me ajudava. Eu fazia muitos amigos, o álcool socialmente é muito aceitável. Eu frequentava muito um restaurante chinês, (...) chegava lá para os diretores da emissora almoçando, eles estavam tomando o uísque deles. Eu chegava tomava o meu uísque antes de almoçar, para ir trabalhar. Então, isso me facilitava, assim, eu era muito bem relacionado. (Paulo)

Apesar de se encontrar abstinência há mais de seis anos, em sua entrevista, Paulo faz questão de enfatizar a importância da droga em sua vida profissional. Ressalta o quanto as substâncias só o auxiliavam, durante importante espaço de sua trajetória de trabalho. Seus atributos de habilidade, de destreza e de competência profissional, eram favorecidos pelo álcool, mesmo com a dependência já instalada. Em sua área de trabalho, ser bem relacionado com as pessoas, saber se comunicar bem, ter muitas amizades é muito importante; para ele chegava a ser imprescindível. E isso Paulo fazia, mas confessa que sem a droga era impossível.

(...) Nos FestCollor, eu ficava numa câmara, SuperV, pegando as imagens do pessoal e jogando para um telão, aí botava efeitos; com pouco, congelava (imagem) para mudar de posição. Corria para o lado, abria; os caras diziam: ‘esse cara é bom demais, ô

magro bom, esse cabra é bom'. Aí, eu tome, aquela coisa, sabe, me achando o máximo, estava me proporcionando um super homem, 'o cara não existe. (Paulo)

Na entrevista, Paulo expressa-se como se realmente fosse glorificado pela impressão que conseguia passar para as outras pessoas, ao tentar, mesmo sem perceber, atender suas expectativas. Pela natureza e pelas condições de seu trabalho, era socialmente pressionado a demonstrar atributos de competência de ser um “cara” habilidoso, “*bom demais*”, corajoso, bem disposto, “*o super homem*”. Tinha que arrancar forças do seu interior para demonstrar isso. Todavia, ao procurar atender, mesmo que auxiliado pelas drogas, essas “exigências”, com relação a seu desempenho, Paulo sentia-se, pelo menos momentaneamente, extremamente realizado. As exigências impostas a Paulo, pelo seu contexto, expressam-se na admiração e na aceitação dos colegas, dos chefes, dos diretores, enfim, de todos que o cercavam pela sua performance e pelo seu desempenho. Mas, também, posteriormente, com a intensificação da dependência, as imposições emergiam nas cobranças, nas queixas, nas críticas, nas discriminações, nas reclamações dos serviços mal realizados.

Paulo não faz referência a problemas com colegas de trabalho; ao contrário, afirma que se relacionava muito bem com todos, até mesmo com os chefes. E, de fato, as tensões geradas nas relações de trabalho desse tipo de atividade podem tornar-se ilegíveis. É o que Sennett (1999, p. 129) chama de “superficialidade partilhada”. A equipe tende a manter-se unida, mas ficando “na superfície das coisas”, “evitando questões difíceis, divisivas, pessoais”. A pressão da cobrança do desempenho pode parecer vir de fora, da audiência que o trabalho possa provocar. Mas, além da pressão psicológica da cobrança da competência, exercida por todos, inclusive, pelos espectadores, los trabalhadores da imagem e da informação, como observa Sennett (op. cit., p. 93), estão permanentemente expostos ao “suspense” do imediato, do sensacionalismo, ao que está na eminência de surgir, ao inusitado. O impacto desses aspectos sobre o caráter do indivíduo é a perda de previsibilidade e de confiabilidade que, certamente, também afetam suas relações no ambiente profissional e em outros espaços sociais. Por outro lado, a tensão gerada nessas

condições de trabalho impõe ao sujeito a procura de estratégias de defesa do sofrimento emocional, a exemplo do uso de droga, da exposição ao risco e da diversão.

Uma prática que implica a formação de outro traço de caráter comum nas atividades midiáticas, nos grandes e pequenos sistemas de comunicação, é o rumor ou o zumzum, que, segundo Sennett (op. cit), proporciona energia às comunicações. O rumor incorpora-se na superficialidade da encenação das relações humanas de trabalho. Ele atua na construção do espetáculo, pré-fabricando fatos ilusórios que constroem uma imagem desejada pela farsa e pelos boatos. O rumor assemelha-se à mentira analisada por Dejours (1999) como prática discursiva gerada em departamentos de empresas, para promover a valorização de seus serviços. Contudo, nessa sociedade do espetáculo, a utilização de artifícios que formulem uma aparência não é uma prática exclusiva da indústria da imagem. Essa estratégia abrange os diversos ramos da produção e os diversos espaços da vida social. A lógica da banalização da mentira difunde-se nas relações de trabalho, desconstruindo valores éticos, estimulando a participação em fatos que prejudicam e provocam sofrimento em outrem, pondo em risco a dignidade e a própria vida de trabalhadores (DEJOURS, 1999).

Essas práticas banalizadas da mentira e da construção da ilusão, no ambiente de trabalho, expandem-se para outras áreas da vida dos sujeitos. Nas atividades da comunicação, elas podem ser perfeitamente combinadas com a diversão e com o uso de drogas como fomentadoras da energia necessária à execução da atividade. Mas, o uso de droga pode se associar à mentira também como estratégia de defesa do sofrimento psíquico gerado nessas condições de trabalho. Assim, a mentira é uma prática bastante adaptável às individualidades ávidas pela fuga da realidade, a exemplo dos usuários dependentes de drogas. Para esses sujeitos, a necessidade de fuga através da mentira deve-se à intensidade do sofrimento e da angústia resultantes de suas “imperfeições” e dos “erros” por eles praticados. Todos os entrevistados da pesquisa referem-se ao recurso da mentira como estratégia para conseguir a droga e para explicar a outrem atitudes “inadequadas” sem justificativas. Todavia, para eles, tanto a droga quanto a mentira são igualmente artifícios para construir ilusão. Paulo diz que, para encobrir seus erros, arquitetava mentiras e as afirmava com tanta veemência que ele mesmo acabava

acreditando no fato ilusório. Naturalmente, os indivíduos só percebem a ligação de tal comportamento ao consumo da droga. Não conseguem relacionar sua emergência também à pressão das exigências de seu contexto, seja do trabalho, seja de outros espaços sociais.

Como prática de negação do sofrimento no trabalho, a mentira banalizada pode ser incluída naquelas estratégias de defesa que, conforme Dejours (1999. p. 36, 71), podem tornar tolerável o “sofrimento ético”, aquele que o sujeito experimenta ao praticar, devido ao seu trabalho, atos que prejudicam a outrem. A deslealdade, a falta de compromisso, a mentira, a perseguição são traços que atestam a corrosão de caráter dos atores sociais, devido às condições atuais do trabalho, com vistas a maximizar a produção. Essas condições são construídas à base da fragmentação, da ilegibilidade e da falta de significação do trabalho, bem como da superficialidade e da manipulação psicológica das relações e de outros fatores criadores de ansiedade e de “sofrimento ético” e mental. Mas, a corrosão do caráter, mesmo gerada no ambiente de trabalho, produz danos significativos nas relações sociais dos indivíduos, dentro e fora da esfera produtiva, reproduzindo o sofrimento mental e favorecendo a emergência das desordens emocionais.

Contudo, a luta angustiante do sujeito para garantir a sobrevivência psíquica e para participar da fascinante cultura do narcisismo é interrompida, é a luta pela própria vida. Mesmo os sujeitos que nessa guerra já desenvolveram a dependência de droga adotam outras estratégias de defesa, associadas e complementares ao consumo das substâncias, para se manterem na batalha. Essas estratégias atuam sempre no sentido de confirmar a realidade que submete o indivíduo, fortalecendo sua aceitação do real, mas também agem como alívio momentâneo da dureza desse real.

As práticas festivas de diversão, os rituais festivos, comemorativos sempre fizeram parte da história humana como espaços de socialização e de encenação dos estilos de vida; de confirmação dos valores e das crenças das culturas; de reafirmação da memória social. Na atualidade, entretanto, essas práticas, amplamente difundidas e adaptáveis à cultura narcisista dessa sociedade, transformam-se também em mecanismo de defesa contra o sofrimento mental no trabalho e o desamparo nas diversas esferas da vida social. As diversões tornam-se especialmente apreciáveis pelos usuários compulsivos de droga cujo desespero angustiante para atender às exigências de seu

tempo, os leva a tentar construir, ao menos, ilusoriamente, outras “realidades”. Nesses “mundos de ilusão”, os sujeitos podem reencontrar a felicidade; na imaginação, na fantasia, eles tornam-se capazes de responder aos imperativos a eles impostos.

Contudo, a herança cultural da estreita ligação entre diversão e consumo de droga torna ainda mais ilegível, na atualidade, essa forma de combinação das duas práticas. E isto, de fato, dificulta para o usuário intensivo de droga perceber a diferença entre o uso social recreativo, o consumo compulsivo e a dependência. Na verdade, nos modernos universos de consumo intensivo de droga, a diversão também compõe o universo de ilusão que fornece amparo ao sujeito, portanto, ela também é parte do objeto de dependência.

Quase todos os entrevistados da pesquisa fazem referência aos ambientes de consumo da droga como locais agradáveis, de encontro com os amigos, espaços de divertimento, de alegria. Nesse contexto, as bebidas alcoólicas, mas também as outras drogas, ganham outros artifícios que incrementam seu fascínio. O fato de o consumo acontecer, em geral, em restaurantes, ambientes festivos, com música, dança, sem dúvida, acentua o encantamento pelas substâncias. Contudo, o que ocorre é uma espécie de reforço mútuo dos dois tipos de defesa. Para a maioria dos entrevistados da pesquisa, o contexto de diversão de consumo das substâncias adquire importância e encantamento semelhantes aos da própria droga.

Paulo é um dos entrevistados que mais destacam o consumo do álcool, e mesmo das outras drogas, associado à diversão e aos ambientes festivos. Esses espaços, muitas vezes, integram seu próprio contexto de trabalho. É certo que, devido à proibição, os lugares públicos são mais propícios ao consumo de bebidas alcoólicas. Os locais festivos mais fechados, com grupos específicos de amigos são mais adequados ao consumo das drogas ilícitas. Paulo e os demais entrevistados seguiam mais ou menos essa regra. Entretanto, ele, freqüentemente, usava cocaína em bares e restaurantes. Aproveitava os momentos em que ia ao sanitário, para consumir a droga, voltando à mesa em pleno estado de euforia para beber com os amigos e desfrutar do ambiente de animação.

No quadro de encantamento pela droga, os atores estabelecem vínculos diferenciados com as pessoas, com as experiências e com os objetos simbólicos do

cenário de ilusão pela diversão. Um dos entrevistados afirma que o seu maior temor em parar de beber era exatamente a possibilidade de perder seu círculo de amizade, pois só conhecia pessoas que bebiam e, portanto, iria ficar sem amigos.

Outro entrevistado não se refere aos amigos de bebida, mas, ressalta a força e o fascínio que o ambiente de diversão e de consumo do álcool exercia sobre ele. A dependência que ele desenvolveu era da bebida, mas era também do ambiente onde ocorria o consumo, das músicas, do cenário de “divertimento”. Esse entrevistado chama de influência negativa a compulsão para o consumo que vem, mesmo sem ele se programar para beber. Negativa, no sentido de desviá-lo do positivo, do trabalho, de suas obrigações, de sua realidade.

É verdade que, no ambiente de diversão, o desejo de consumo de bebidas pelo usuário regular pode aflorar do clima de euforia e de alegria. Mas, nos casos em que a dependência já está instalada, a compulsão pode surgir do nada, apenas da lembrança, “da saudade”, do clima, do estado mental. Assim, a diversão associada ao consumo de droga emerge como estratégia de defesa, como possibilidade de criação de cenário de ostentação, onde o indivíduo pode realizar a estetização do eu.

De fato, nesses cenários de ilusão, constroem-se vínculos afetivos e de amizades, resolvem-se negócios, criam-se relações que, embora reproduzam e reforcem a lógica de organização da sociedade, parecem provocar menos sofrimento aos atores sociais. Nesses contextos de espetáculo, os indivíduos, auxiliados pela droga, podem encenar mais livremente a estetização da existência e a exibição do eu (LASCH, 1983), exaltar atributos de coragem, de competência e a capacidade de vencer, de ser o melhor. Enfim, podem ser evidenciados e admirados.

Na diversão, os sujeitos também podem escolher os espaços mais adequados para teatralizarem as cenas da onipotência e do espetacular. Criam mundos ilusórios que, de tanto desejar tornam tais mundos reais. Assim, os indivíduos, através de estratégias de defesa do sofrimento mental no trabalho, também reafirmam a lógica vigente, encenam seu drama, reforçam seus ideais. A fuga da realidade acaba sendo, na verdade, uma tentativa de fuga apenas do sofrimento que emerge do desamparo, sem que ocorra a negação propriamente do real. Ao contrário, a angústia, o sofrimento do sujeito decorrem,

justamente, do fato de eles fracassarem em acompanhar a lógica, apesar dos esforços sobre-humanos para atender seus imperativos.

Nos atuais contextos festivos de uso de droga, de maneira semelhante aos contextos mítico-religiosos tradicionais, o consumo de substância possibilita o encontro do sujeito com o sagrado que fornece energia ao indivíduo para que ele possa enfrentar as dificuldades de seu mundo, de seu tempo. Contudo, retomando a interpretação de BALLANDIER (1997, 1999, p. 157), o sagrado moderno aparece enfraquecido, difuso e transfigurado numa multiplicidade de mitos. Em sua ambigüidade, o sagrado “já não mais recebe sua forma de instituição religiosa”, “investe em objetos vários”. A demanda do sagrado torna-se, portanto, a demanda da droga, do contexto de diversão, das relações que se estabelecem nesse contexto e também de outras práticas que prometam restabelecer a energia procurada pelo indivíduo.

Assim, na esfera produtiva, onde mais se manifesta a condição de desamparo social, os sujeitos usuários de droga também associam o consumo das substâncias à prática de afrontamento ao risco. Essa prática funciona como estratégia de defesa contra o sofrimento mental no trabalho, muito embora, o próprio uso intensificado de droga apresente-se como uma modalidade de afrontamento ao risco. Na história de Paulo, seu mergulho no uso intensificado das substâncias, que desembocou na dependência, marca também essa necessidade de exposição ao risco, de ultrapassar limites, de realizar proezas. Sua trajetória de consumo de droga traça um percurso de aventuras e de afrontamento à morte. Mesmo antes do agravamento da dependência, mas já em plena atividade profissional, sempre gostou de frequentar locais “barra pesada”; participou de festa em cemitério; pertenceu a grupos com estilo de vida alternativo, adepto à promiscuidade sexual; comercializava pequenas quantidades de cocaína e maconha, expondo-se à repressão policial.

Nas atividades específicas do trabalho, Paulo fala do afrontamento ao risco como atitude de competência, de coragem e de disposição para a luta. Preferia tarefa difíceis, que trouxessem desafios, em que ele se evidenciasse. Algumas reportagens que apresentavam perigo, só ele tinha coragem de realizar. Ele mesmo reconhece sua necessidade de exposição ao risco, contudo, a atribui apenas à sua dependência de droga.

Naturalmente, Paulo não consegue perceber que ambas as necessidades são parte de um complexo que evidencia seu vazio interior e seu sofrimento psíquico, decorrentes de sua condição de desamparo social no trabalho e na vida. A droga, o risco, a diversão aliviam momentaneamente esse vazio e esse sofrimento, porém não impedem que eles se intensifiquem. Segue trecho do seu relato:

(...) Eu me sentia ótimo dentro de um presídio. Em rebelião do presídio, eu tomava uns dois 'rabo de galo' (dozes de uísque) ou três, entrava, os caras ali no Presídio do Róger em dia de rebelião, eu ficava fazendo imagem de cima, ali. Nem o sargento penitenciário entrava num pátio; eu entrava, eu dizia oh, eu entro. Eu, com umas três na cabeça, entrava, fazia as imagens, meu auxiliar também era na mesma energia. Mas, hoje, eu não entraria, eu tenho medo dessas coisas; é porque a gente tem uma necessidade de se expor ao perigo.(Paulo)

No plano do trabalho, conforme observa Dejours (1992, 1999), a exposição ao risco funciona como uma estratégia de defesa contra uma ansiedade que se generaliza entre os trabalhadores das atividades perigosas. O desafio ao risco surge como tentativa de domínio simbólico do medo, gerado nessas atividades e que provoca o sofrimento mental. Para os sujeitos dependentes de droga, o risco faz parte de seu cotidiano, sendo ele de maior ou menor gravidade, conforme suas condições de trabalho e de vida.

A atividade profissional de Paulo também o expunha a medos específicos. O temor da incompetência profissional, de se mostrar incapaz, de não dar conta dos dramas da comunicação pareciam o apavorar. Precisava permanentemente estar disposto, bem humorado para exercer sua atividade e manter seus relacionamentos profissionais. Era necessário também se defender da concorrência, mostrar-se mais do que competente; aparecer como o melhor. No seu meio de trabalho, só quem brilha é digno de reconhecimento. Assim, sob a ótica da interpretação de risco elaborada por Le Breton (2000), a exposição ao perigo, no caso de Paulo, significa a busca de reafirmação de sua

competência, a procura de evidência de sua capacidade de se manter na prova, a tentativa de assegurar sua legitimidade de existir. Como estratégia de defesa do sofrimento no trabalho, o afrontamento ao risco, tal como o uso de droga e a diversão, também age como fator de conformação, de aceitação das condições vigentes de trabalho, de exercício de adaptação a essas condições.

Mesmo com a intensificação da dependência, Paulo não recua, prossegue em sua exposição ao risco, apesar da iminência da morte. Naturalmente, ele reluta em admitir que seus problemas e suas perdas se agravaram também devido a sua maneira intensificada de consumo da droga, pois, até então, as substâncias só o ajudavam. E, de fato, as perdas e os fracassos que lhe ocorriam deviam-se, sobretudo, a toda uma trajetória de luta e de exaustão de suas energias para seguir a lógica de viver a ele imposta por suas condições de trabalho e de vida. A droga, a diversão, o afrontamento ao risco, que o auxiliavam no acompanhamento do ritmo, também foram levados ao limite, especialmente o álcool, perdeu sua eficácia.

Paulo passou a ser chamado a atenção e a ser cobrado por trabalhos mal realizados. Ele reconhece que, nessa época, pouco antes de ter sido praticamente obrigado a pedir demissão do seu segundo emprego em TV, saía para trabalhar e, no dia seguinte, não sabia o que tinha feito. Chegava a fazer matéria jornalística completa, em total apagamento. O medo, agora, o tomava sem saber o que tinha e o que não tinha feito. Paulo comenta o equívoco das pessoas que o elogiavam como bom profissional e, ao mesmo tempo, lamentavam sua bebedeira. Não compreendiam que ele era “*movido pela bebida*”. O álcool era seu “*elixir da vida*”.

Após a perda desse último emprego, a crise de Paulo acentua-se. Veio a segunda separação conjugal, chegou também à depressão, mas o álcool e a cocaína não conseguiam aplacar. Com a perda dos salários, Paulo deixou de freqüentar os bares e restaurantes costumeiros. Passou a procurar locais de consumo de álcool e droga, freqüentados pelas pessoas de baixo poder aquisitivo. Por falta de dinheiro, precisou pedir restos de cachaça para beber. Passou a ser encontrado pela família, caído na rua, em praças, mercados, locais públicos de circulação de pessoas e de mendicância. Foi interno

em hospitais, por diversas vezes, fortemente debilitado, retornando ao consumo do álcool logo após os tratamentos.

Essa perseguição ao risco, que a princípio evidencia o desejo insaciável do sujeito de se sentir valorizado, reconhecido, admirado, revela, portanto, a densidade de um sofrimento psíquico emocional, causado pelo desamparo social. Através do consumo intensivo de droga, da tentativa de fuga da realidade e do afrontamento ao risco, o sujeito, levado a exaustão de suas forças, passa a desafiar seu trabalho, suas relações afetivas, sua própria vida. A falta de compromisso, o não cumprimento de obrigações, as irresponsabilidades avolumam-se. No trabalho, a perda de função, de emprego e a redução do desempenho profissional afetam sensivelmente as trajetórias dos sujeitos. No plano afetivo, os conflitos familiares e os cortes dos vínculos conjugais provocam e agravam dolorosas crises. A falta de percepção do sujeito, da associação desse seu estado às condições impostas pelo seu contexto, impossíveis de serem atendidas, imobilizam-no. Intensifica-se seu sentimento de fracasso e de incompetência, agravando, portanto, seu sofrimento psíquico. O desamparo, que se apresenta na dependência da droga, passa a evidenciar-se também em outras desordens emocionais, a exemplo do pânico e da depressão. Contudo, é nesse momento crucial de crise que os sujeitos podem expressar suas tentativas de mudanças.

Em algumas ocasiões de crise, após as internações, Paulo tentou parar o consumo do álcool, uma vez que essa droga que tanto o ajudou chegou ao limite do seu efeito, não conseguia mais arrancar sua energia e o acompanhou à exaustão. Num último internamento, apresentou sintoma de epilepsia alcoólica. Na convulsão, sofreu ferimento na cabeça e ficou em coma cerca de uma semana. A partir dessa internação, que durou dois meses, Paulo procurou um grupo de Alcoólicos Anônimos, mantendo-se em recuperação há mais de seis anos. No coma, Paulo diz que passou os momentos de maior proximidade com a morte. Ele acredita que atravessou o outro lado da vida, tendo sido iluminado por entidades espirituais e recebido de Deus uma nova chance de viver. O episódio trouxe novo ânimo para Paulo, mostrou-lhe a importância da vida, agora restava a ele retomar novo caminho.

Apesar de a exposição ao perigo ter levado Paulo ao confronto com a morte, ele

parou o consumo do álcool, mas, inicialmente, não conseguiu cortar totalmente o vínculo com as outras drogas. Com 32 anos de idade, há dezoito anos aprendeu a viver sob o amparo das substâncias. O novo programa de vida, nos primeiros meses, parecia não ser capaz de preencher seu vazio interior, suavizado, até aquele momento, apenas pelo efeito narcótico das substâncias. Mas, após uma noite de intenso ritmo de consumo alternado de cocaína e maconha, Paulo, que já havia iniciado a programação de Alcoólicos Anônimos, diz que teve *“um estalo, uma grande sacada de trocar aquilo ali pelo Poder Superior, por Deus”*. Resolveu dar um ponto final, seguindo os “Doze Passos” do AA. Jogou tudo fora, no mesmo dia, pois, como ia parar, *“tinha que ser radical”*. Em pouco tempo, ele e outro companheiro fundaram um grupo de Narcóticos Anônimos na cidade.

Paulo percebeu que se continuasse usando outras drogas, e da forma que as utilizava, mais cedo ou mais tarde estaria na mesma situação a que chegou com o álcool. Mas, ele também reconhece que dependia da energia da droga para viver. Não poderia deixá-la sem realizar a substituição. O sagrado, agora representado por Deus, assume o lugar da substância. O “Poder Superior” aparece como uma nova fonte de força, ânimo e coragem imprescindíveis a Paulo, em sua nova trajetória. A partir de então, ele dedica-se a sua recuperação no Programa dos “Doze Passos”, mas também procura outras práticas religiosas que o ajudam a reconstruir seu novo sentido de existir. Reafirmando a experiência do coma, ele diz que se adaptou melhor às religiões espiritualistas. Entre estas, teve participação significativa nos cultos da União Vegetal e do Santo Daime.

Paulo vem se mantendo em recuperação, mas, de fato, o vazio interior e o sofrimento psíquico construídos ao longo da história dos sujeitos, decorrentes de seu desamparo social, e que a droga momentaneamente anestesia, dificilmente será suportado sem um amparo emocional terapêutico ou religioso, que forneça novas energias ao indivíduo. A cada crise, mais o sujeito se aproxima do caos, mais se agrava sua situação de sofrimento, mais se intensifica seu estado depressivo e seu consumo das substâncias, mantendo-se ininterrupto o círculo.

A toxicomania da atualidade, como assinala BIRMAN (1999), emerge e se expande como um contraponto das desordens emocionais. *“A realidade psíquica dos toxicômanos, oscila entre a depressão severa e a mania, entre o vazio quase absoluto da*

estesia narcísica e a expansão triunfante produzida pelos efeitos da droga”. (p. 224). Nessa perspectiva, as toxicomanias, inclusive as dependências, não deixam de ser uma forma de busca de alívio das angústias, da dor e do sofrimento psíquicos. Semelhante às terapêuticas psicofarmacológicas, elas também procuram minimizar, ao menos momentaneamente, os sintomas de outras desordens emocionais.

De fato, o processo devastador da contemporaneidade sobre a interioridade dos indivíduos, revelado na dependência de droga, vem trazendo danos irreversíveis aos sujeitos e à humanidade. Os traumas emocionais, as perdas afetivas e materiais dos sujeitos da pesquisa estão no registro de sua memória; muitos destes traumas foram contados em seus relatos, outros estão velados em seus silêncios. São encantos e desencantos de existências que o trabalho seletivo da memória de atores sociais tenta reordenar (POLLAK, 1992). Os dependentes químicos em tratamento, sujeitos do estudo, são, sem dúvida, alguns sobreviventes e refugiados de uma guerra em que o inimigo destruidor não é a droga, mas a esmagadora condição de existência no mal-estar da atualidade.

Contudo, como parte do movimento de ordem, desordem e reconstrução inerente à própria vida, o processo de deterioração dos atores sociais pela dependência de droga, pelo menos para alguns, também sinaliza recomeço. Os sujeitos do estudo, ao se depararem com o caos, são levados a buscar saídas que garantam sua sobrevivência física e emocional. A procura do tratamento para dependência é uma indicação da busca de caminho para a reconstrução.

Ao longo de suas trajetórias de vida e de consumo das substâncias, os sujeitos acumularam experiência que os possibilita reconstruírem itinerários de vida e de reorganização da existência sem o recurso das drogas. Isso tem se tornado possível, quando estes sujeitos encontram espaços e interlocutores que os auxiliem no lento processo de autoconhecimento, de elaboração de novas defesas contra o mal-estar e o sofrimento emocional.

Na verdade, a passagem para a vida sem a droga consiste num processo difícil e doloroso em que os sujeitos precisam enfrentar pressões internas e externas das motivações para o retorno ao consumo. A mudança de estilo de vida, a reelaboração de

valores e de percepção de si e do mundo, o estabelecimento de limites são alguns critérios a serem seguidos pelos sujeitos que procuram a recuperação.

Referências Bibliográficas:

BALANDIER, George. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **O dédalo: para finalizar o século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DEBORD, Guy. **La société du spectacle**. Paris: Editora Gallimurd, 1992.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. **A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho**. 5ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. XXI. 67-95p

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, David. **Passions du risque**. Paris: Éditions Métailié, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social.. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, no.10, 1992.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.